RUDOLF KOCH

O LIVRO DOS SÍMBOLOS

493 SÍMBOLOS USADOS DESDE OS TEMPOS PRIMITIVOS ATÉ A IDADE MÉDIA

O LIVRO DOS SÍMBOLOS

+

contendo
símbolos usados desde os
tempos mais remotos
até a Idade Média,
pelos povos primitivos
e pelos primeiros cristãos

Recolhidos, desenhados e explicados por
RUDOLF KOCH

Traduzido e adaptado por
Edmond Jorge e
Armando de Salmont Campbell
para a

Editora Renes
Rio de Janeiro

*** Publicado pela Editora Renes, sob a direção-geral de Renaldo Alexandre Essinger, sendo a direção editorial de Armando de Salmont Campbell *** A supervisão gráfica e diagramação foram realizadas por Miguel Fernandez Cuinas. *** A revisão foi executada por Rubem Martins Jorge e a capa por Walney de Almeida. *** Foram empregados filmes de Fotolito Bene, com fotocomposição de Lidio Ferreira Júnior em Optima Preto 201 *** Impresso pela Solivro em papel offset de 120 g/m², sendo a distribuição em bancas exclusiva de Fernando Chinaglia *** Todos os direitos da versão em portugues da presente obra são reservados pela Editora Renes Ltda., à Avenida Nilo Peçanha n.º 50, grupo 1001, no Rio de Janeiro *** Telefones: 221-4721 e 224-0826 — CGC 33.880.824/0001-52 ***

Rudolph Koch foi uma personalidade que muito influenciou o desenvolvimento das artes gráficas na Alemanha, no século passado, tendo adquirido nomeada como desenhista de tipos, calígrafo, artista e encadernador. Seu LIVRO DOS SÍMBOLOS contém 493 símbolos usados desde tempos muito antigos até a Idade Média, recolhidos por Koch e por aqueles que com ele trabalharam na pesquisa de gravuras, inscrições e manuscritos. Entre eles, encontram-se monogramas bizantinos, os sinais da Cruz, as sagradas iniciais, símbolos de canteiros, os símbolos dos elementos e símbolos botânicos, astrológicos e alquímicos. Foram redesenhados e explicados pelo próprio Rudolph Koch, e das xilogravuras incumbiu-se Fritz Kredel, de Offenbach-am-Mein, Alemanha. Como os leitores verificarão, eles têm grande beleza, tanto visual como simbólica, que muito se deve à sua simplicidade básica.

1. SÍMBOLOS GERAIS

O ponto é a origem de todos os sinais e é também sua essência mais íntima. Era com esta idéia que as Lojas Maçônicas de outrora expressavam os segredos de suas guildas por meio do ponto.

Por outro lado, no traço horizontal vemos a Terra, onde a vida flui e tudo se move no mesmo plano.

O traço vertical representa a unidade de Deus, ou a Divindade, de modo geral; ele também simboliza o poder que desce do Alto sobre a Humanidade, ou, no sentido inverso, os anseios da Humanidade por coisas mais e mais elevadas.

O ângulo, ou o encontro do celestial e do terrestre. Como não possuem nada em comum, eles se tocam, mas não se cruzam. Este símbolo representa a reciprocidade entre Deus e o Mundo. Nas Lojas Maçônicas da Idade Média, o ângulo reto — o Esquadro — era o símbolo da Justiça e da Integridade.

No sinal da Cruz, Deus e a Terra estão combinados e em harmonia. De duas linhas simples nasceu um símbolo completo. A Cruz é certamente o mais antigo de todos os símbolos; encontrava-se por toda parte, sem ter qualquer relação com a concepção de Cristandade.

O olho aberto de Deus, o propósito da Revelação: "E Deus disse: Faça-se a luz".

O círculo, sem começo nem fim, é também um símbolo de Deus ou da Eternidade. Ademais, em contraste com o sinal seguinte, é o símbolo do olho adormecido de Deus: "O Espírito de Deus pairava sobre as águas".

O elemento feminino passivo; o que estava ali desde o começo de todas as coisas. "E Deus separou as águas que estão debaixo do firmamento daquelas que estão por cima".

O elemento masculino ativo; o que vem do Alto; o elemento efetivo no tempo. "E Deus separou luz e trevas".

Quando o elemento masculino impregna o feminino, ocorre a criação, pois tudo o que pertence ao mundo dos vivos é composto da confluência de masculino e feminino. Em tempos remotos, no Oriente, e na primitiva mitologia nórdica, este sinal da cruz-círculo era o símbolo do Sol.

O triângulo é um antigo emblema egípcio da Divindade e também o símbolo pitagórico da Sabedoria. Na Cristandade, ele simboliza a tríplice personalidade de Deus. Também, em contraposição ao símbolo seguinte, ele é outro sinal do elemento feminino, que, firmemente baseado em questões terrenas, anseia, porém, pelo que é mais elevado. O feminino é sempre terreno em sua concepção.

Por outro lado, o triângulo apoiado em seu ápice é o elemento masculino que, por natureza, é celestial e busca a verdade.

Agora, as duas figuras começam a mover-se na direção uma da outra e, ao se tocarem seus ápices, formam outra figura, de aparência inteiramente nova; contudo, nenhuma das figuras originais sofreu qualquer alteração ou interferência.

Porém, quando se interpenetram, a natureza de ambas é fundamentalmente alterada e, como se vê, oblitera-se, por assim dizer. Uma figura complexa e inteiramente simétrica é formada, com novas e surpreendentes seções e correlações, nas quais seis pequenos e distintos triângulos se agrupam em torno de um grande hexágono central. Surgiu uma bela estrela, mas, quando a examinamos, vemos que os dois triângulos originais ainda conservam sua individualidade. Assim sucede quando um matrimônio perfeito une Homem e Mulher. Para os judeus, é a estrela de Davi.

Agora, levamos o movimento do triângulo um pouco mais longe, de modo que eles se separam novamente e formam um quadrado apoiado num dos seus ângulos. Os triângulos têm uma linha de base comum, mas apontam para longe um do outro, e não em direção convergente, como antes. Esta figura é a simples soma dos dois triângulos, estando próximos, mas bem afastados um do outro. Este símbolo também representa os Quatro Evangelistas.

O quadrado é o emblema do mundo e da natureza. Em contraste com o triângulo, ele é o emblema cristão da mundanidade. Nele está simbolizado o número quatro, sugerindo também diferentes significações, como: os quatro elementos, os quatro cantos dos céus, os quatro Evangelistas, os quatro rios do Paraíso.

A furca, ou forcado, símbolo medieval da Trindade, é também um emblema pitagórico do curso da vida, como caminhos ascendentes que se bifurcam para o Bem e para o Mal. Este sinal é de origem muito antiga e provavelmente está relacionado com o que vem a seguir:

Três triângulos, todos tocando-se num ponto central para formar uma nova figura. Este é um antigo símbolo da Divindade. É tudo o que se sabe a seu respeito.

Este é um velho emblema do Sol, com três raios. Os traços cruzados nas extremidades dos raios simbolizam a abóbada celeste.

O pentagrama, uma estrela de cinco pontas feita com um só traço. Este sinal, como outros aqui representados, pertence aos tempos mais primitivos da Humanidade e por certo é muito mais antigo do que os caracteres escritos. Sinais deste tipo são positivamente dos mais antigos documentos humanos que possuímos. O pentagrama tem tido várias significações diferentes em diferentes momentos da história do homem. Os pitagóricos chamavam-no penta-alfa e os sacerdotes celtas, "o pé da feiticeira". É também o selo de Salomão, conhecido na Idade Média como a cruz dos duendes. O sinal também representa os cinco sentidos; os princípios masculino e feminino também são transmitidos pelo arranjo das cinco pontas. Entre os druidas, era o sinal da Divindade, e para os judeus significava os cinco livros Mosaicos. É crença popular que este sinal dá também proteção contra o demônio e, por analogia, é símbolo de segurança. Acredita-se também que ele propicia uma acolhida feliz, daí seu emprego como amuleto. Nos tempos antigos, era, entre os babilônios, um talismã.

O octograma, uma estrela de oito pontas feita com um só traço da pena. Desconhece-se qualquer explicação deste símbolo.

O forcado. Este símbolo, do qual já tratamos, tem outro

significado, a saber, a Alma expectante, o Homem fitando o Alto com os braços estendidos.

O mesmo sinal, mas invertido, expressa a salvação descendo do Alto e espraiando-se pelo mundo.

Os dois sinais aproximam-se e formam uma nova figura. Ao entrarem em contato, encerram um espaço entre ambos.

Eles passam a cruzar-se, com as pontas dos forcados reaparecendo na figura.

Completou-se o cruzamento, resultando disso outra estrela de seis pontas. As duas figuras originais, tão nítidas durante o impulso para a união, estão completamente absorvidas pela nova figura, que irradia força de um ponto central para todos os lados e que, embora imóvel, gera movimento ao seu redor.

Assim como os cinco últimos símbolos expressam o destino da Alma, os cinco seguintes simbolizam a natureza do intelecto humano:

Intelecto passivo

Intelecto ativo

O intelecto em ação

Intelecto criativo

Intelecto desordenado

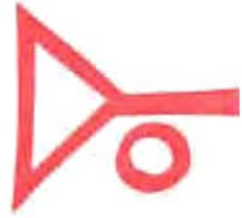
As três linhas, quer na vertical, quer na horizontal, movendo-se juntas ou separadas, nada realizam, emergindo do vazio e a ele retornando. Somente o intelecto criativo encerra um espaço e forma uma figura definida, tornando-se as três linhas incorpóreas um objeto real de que o triângulo é o símbolo. Quando o intelecto é destruído, a figura se dissolve uma vez mais e as linhas retornam ao vazio, atravessando-se mutuamente na destruição geral.

A série seguinte ilustra as vicissitudes da vida familiar:

Homem

A Mulher engravida

Mulher



e dá à luz um Filho.

Homem e Mulher unidos para procriar.

A Família: Homem, Mulher e filhos.

À parte a vida familiar, existe a amizade entre os homens

A viúva e seus filhos

Os homens discutem e lutam

Um dos filhos morre

O homem morre

A mãe, desolada, com o filho que lhe resta

A mãe morre, deixando

A criança gerada

um filho sobrevivente que traz dentro de si o germe de uma nova família.
A verdadeira essência dos sexos e suas relações, e os principais incidentes particulares de uma vida familiar, são mostrados da forma a mais inspirada nesses simbolos, e seria impossível revelar de modo mais lúcido, com palavras, a simples História da Humanidade.

Desde o momento do nascimento, a vida interior começa a se desenvolver; o círculo é o corpo que a envolve.

A série seguinte de sinais ilustra o engrandecimento e o declínio da vida humana.

A trindade Corpo, Mente e Alma está agora plenamente manifesta. A essência imortal, a Alma, é o ponto que está no

centro. O círculo interior representa a vida intelectual, a mentalidade do Homem, ao passo que o externo representa o invólucro corpóreo.

O intelecto, desordenando-se, volta-se contra si próprio e contra o corpo.

Ele rompe os limites da sua estrutura mortal e o homem morre, quando então a Alma, desabrigada, retorna ao lugar de onde veio.

O sinal da atividade simples. Os esforços da Humanidade enchem o espaço a eles atribuído, cruzando-o totalmente.

As multiformes atividades da Humanidade são representadas repetindo-se a figura precedente várias vezes, em diferentes compartimentos.

Regularidade. O quadrado é

em si um sinal de ordem, e se encaixa perfeitamente numa figura similar, e este é também o princípio fundamental de tudo com que nos rodeamos.

Esta é a destruição, ou desordem, na qual toda concórdia desaparece e a confusão toma o lugar da harmonia.

O tríceps, velho sinal nórdico. Símbolo do poder celestial. Traçando seu perímetro de ápice a ápice, compreendemos o significado das palavras "A Vontade de Deus, descendo sobre o mundo, vai e vem sobre a Terra e retorna ao Alto".

2. A CRUZ

A Cruz Latina, "Crux ordinaria", nos primeiros tempos chamada a marca de Deus. O mais exaltado emblema da fé cristã, o Símbolo de todos os Símbolos. Sem termos de comparação, o maior número de símbolos no mundo ocidental é baseado na forma ou em parte da forma da Cruz, sejam eles monogramas imperiais, sinais maçônicos, sinais de família, símbolos químicos ou marcas registradas.

A Cruz de Santo André, cruz na qual André foi martirizado. Também chamada "Crux decussata". Era a marca de fronteira dos romanos, derivada da Cruz por eles usada como barreira. Na heráldica chama-se aspa, e é símbolo da Escócia e da Rússia.

A Cruz de São Pedro. Segundo a lenda, Pedro morreu numa Cruz invertida.

Cruz de Santo Antão, ou Cruz Egípcia; "Crux commissa". Também chamada Cruz de Tau, da letra grega "T", tau. São Francisco usou-a como assinatura.

A Cruz Grega, "Crux immissa quadrata". Desta e da Cruz Latina derivaram-se, entre muitas outras, as seguintes formas na Idade Média, para fins heráldicos:

Cruz patée, da qual derivou a Cruz de Cristo dos portugueses

Cruz de Malta, ou de São João, com suas oito pontas de significado mistico. É símbolo dos Cavaleiros de São João, da ilha de Malta.

Cruz trifoliada

Cruz florida, ou Cruz de Cleves

Cruz de pomos, ou maçanetada

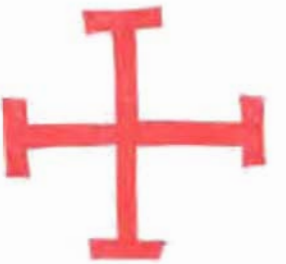
Cruz patée aguçada, que simboliza a implantação da fé

A Cruz papal, ou Cruz tríplice dos povos ocidentais

Uma figura comum aparece nesta conexão como a Cruz forcada ou furca, também chamada a Cruz dos ladrões

A Cruz partida, ou em asna. A asna, ou chaveirão, é, na heráldica, um ângulo que aponta para cima: é a tesoura das construções.

A Cruz patriarcal, ou Cruz de Lorena



A Cruz potente

Outra forma de Cruz potente. Ligada a esta existe a Cruz molina, que é encontrada em variações:

seus braços representavam o ferro que prendia as metades das mós dos moinhos, um belo símbolo do que une com segurança as partes que se movem para o trabalho harmônico e silencioso.

A Cruz com oito extremidades da Igreja Ortodoxa Russa. O travessão inferior representa um apoio para os pés do crucificado. Aqui temos a variante das oito pontas da Cruz de Malta.

A Cruz Russa, com o apoio para os pés inclinado. Esta a forma comum da Cruz na Igreja Ortodoxa.

A Cruz recruzetada, também

chamada a Santa Cruz ou Cruz Germânica.
Entre os gnósticos, o símbolo dos quádruplos mistérios.

A Cruz dos Cruzados, ou de Jerusalém

A Suástica, ou Fylfot. Derivada da roda do Sol:

rompendo-se a circunferência do círculo:

Entre os primeiros cristãos, este e muitos dos símbolos que vêm a seguir eram usados como uma Cruz disfarçada durante a perseguição dos cristãos. Daí seu nome, "Crux dissimulata". Era também chamada "Crux gammata", pelo fato de ser formada de quatro gamas, letra do alfabeto grego.

Uma forma elaborada da Suástica

A Cruz vazada, ou "Gammadia", assim chamada por ser composta de quatro gamas. Estreitamente relacionado a esta é o belo e antigo distintivo dos clubes de ginástica alemães, os *Turnverein:*

compostos de quatro "F", que representam "Frisch, fromm, frölich, frei" (vigoroso, correto, jovial, livre), que eram traduzidos em português como: Firme, Forte, Franco, Fiel.

Esta Cruz, fosse gravada na pedra ou pintada nas paredes das Igrejas Católicas Romanas, em número de dez, denota que o edifício foi consagrado. Este símbolo é também encontrado na forma de uma Cruz destacada, dentro de um círculo:

Sagrada Cruz Romana

O antiquíssimo símbolo egípcio da vida, "Ankh", é também a "Crux ansata", ou Cruz Tau com arco. Também chamada a Chave do Nilo.

A Cruz ansada cristã, derivada do símbolo egípcio

A Cruz em âncora era, como a anterior, uma Cruz disfarçada. Nela vemos a Cruz Tau oculta sob o símbolo mais comum da Âncora.

Cruz copta, com os quatro cravos

A Cruz elevada ocupava lugar importante nas representações da Cruz dos primitivos cristãos:

A Terra, sobre a qual a Cruz foi erguida, é aqui representada por um ponto. Às vezes havia seis pontos, representando grãos de areia:

De uma velha moeda.

A Cruz erguida sobre três degraus.

A Cruz erguida sobre uma coluna.

Duas Cruzes elevadas, também eram desenhadas como Cruzes Patriarcais. Neste caso denominavam-se Arcangelicais.

Uma Cruz erguida sobre quatro linhas, que talvez simbolizem os quatro Evangelistas.

Uma Cruz elevada tendo ao lado uma mão; de uma moeda antiga.

3. O MONOGRAMA DE CRISTO

O monograma gnóstico do Sol. Os travessões nas extremidades dos raios representam a abóbada celeste.

A Cruz dupla também é um símbolo cristão muito antigo. Ela consiste de um "X" grego e da Cruz.

Chrismon composto de um "I" (iota) e um "X" (chi) gregos. Formavam as iniciais do nome de Jesus Cristo.

Uma roda do Sol pagã muito antiga, que os cristãos interpretaram como Chrismon. "I" = Jesus, "X" = Cristo.

A Cruz dupla dentro de um círculo.

O sinal anterior, com um segundo círculo. O círculo externo pode ser interpretado como o finito; o interno, como um símbolo da Eternidade.

O Monograma de Jesus. Em lugar das três primeiras letras gregas da palavra Jesus, IHC (iota, que valia por "I"; eta, que se assemelha ao agá, e o sigma, que já teve a forma de C.) Mais tarde a letra "H" foi considerada como a letra latina agá, do mesmo desenho, e o significado atribuído ao monograma tornou-se "In hoc signo", isto é, "Por este sinal" (a Cruz sobre as letras).
Ele também denota: "Jesus Hominum Salvator", isto é, Jesus Salvador da Humanidade. Uma interpretação muito comum na Alemanha é: "Jesus Heil und Seligmacher" (Jesus, Salvador e Redentor.) É o símbolo da Companhia de Jesus.

O Chrismon mais generalizado e conhecido. É provável que ele se tivesse desenvolvido de uma antiga representação oriental do sol nascente, na qual, de um modo que nos parece estranho, o disco solar é apresentado sobre uma Cruz representando seus raios:

Deste, posteriormente, surgiu o símbolo:

Estreitamente relacionada com este é a Cruz ansada:

O chamado Espelho de Vênus, o símbolo do planeta Vênus·

também relacionado com um velho símbolo oriental do Sol, formado assim:

Segundo a lenda, o Chrismon:

apareceu em sonho ao Imperador Constantino, acompanhado de uma voz que dizia: "In Hoc Signo Vinces" — "Com este sinal vencerás". Assim, ele mandou adornar seu estandarte de guerra com este símbolo. Esta bandeira é chamada "Lábaro". "In Hoc Signo Vinces" foi a divisa do Império do Brasil.

O símbolo é composto das duas iniciais gregas do nome

de Cristo: "X" (chi) e "P" (rô). Ele é também chamado "Signum Dei", e é, possivelmente, como símbolo cristão, mais antigo do que a própria Cruz.

que aqui deve ser considerado como a interseção de quatro "X". Ele representa um Chrismon disfarçado.

Uma forma freqüentemente encontrada de Chrismon, na qual o "P" é simplificado num gancho que também representa o báculo ou vara de pastor, símbolo dos bispos, representantes do Bom Pastor. Aqui, temos uma Cruz no lugar do "X".

Dois símbolos muito usados na Igreja Cristã desde os seus primórdios, a saber, o Alfa e o Ômega, extraído do trecho do Apocalipse: "Eu sou o Alfa e o Ômega", significando o Princípio e o Fim, pois estas eram a primeira e a última letra do alfabeto grego. As letras muitas vezes aparecem com a Cruz ligada às mesmas. No exemplo seguinte, a forma do Ômega é de maiúscula:

Um símbolo que já encontramos na forma do octograma,

As duas letras são usadas em conexão com a Cruz de muitas maneiras diferentes, e das quais o símbolo acima é um bom exemplo. Elas também muitas vezes são encontradas em conjunção com o Chrismon.

Aqui, o "P" (rô) grego é substituído pelo "R" latino.

A Cruz Tau, com o Alfa e Ômega. Como todos os outros monogramas ilustrados aqui, este é claramente relacionado com Cristo.

Uma combinação do Chrismon com "I" (iota) e "C" (antigo sigma), Jesus Soter, Jesus, o Salvador.

Neste exemplo, o "h" latino foi acrescentado, e pode muito bem representar HOC.

Um belíssimo Chrismon que lembra a Cruz ansada egípcia. A variedade destes monogramas é muito grande e a inventiva demonstrada pelos primeiros cristãos em seu desenho é ilimitada.

Também neste exemplo, a linha acima do monograma representa o Espírito Santo.

Aqui, o "Y" substitui o "I". Isto não era raro na Idade Média.

Monograma de Jesus, sob um antigo sinal denotando Redenção, ou o Espírito Santo.

Este símbolo, como o se-

guinte, é outro desenvolvimento do Chrismon.

Terá a roseta desta figura qualquer significado particular? Uma teoria é a de que o Ômega sob a rosa deveria ser lido como um "S", e que o símbolo significa Rosa Rosarum — Rosa das Rosas, ou Flor das Flores —, um dos nomes pelos quais se conhece a Virgem Maria. Neste caso, a presença da própria rosa também se torna clara.

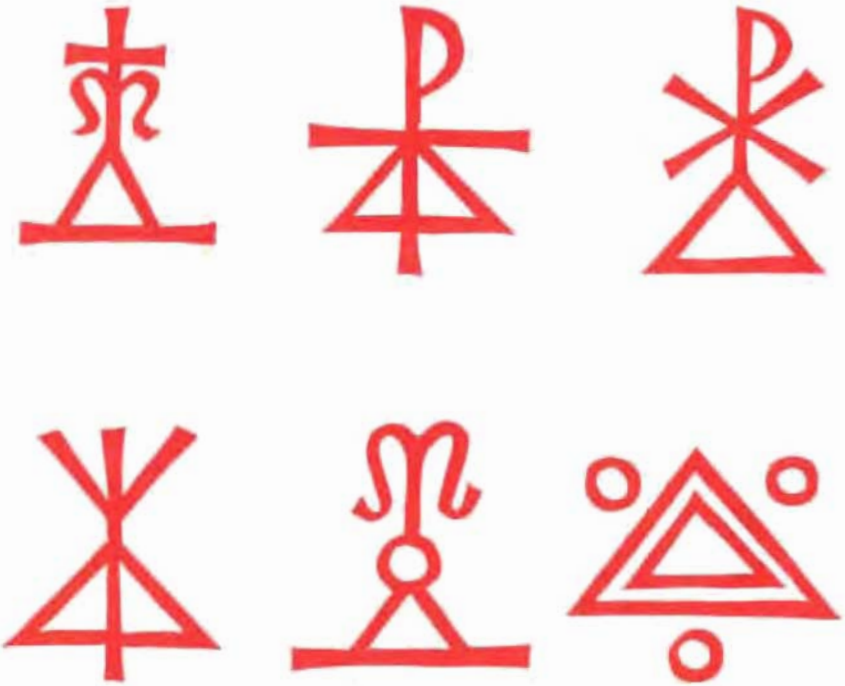
O sinal do peixe é um símbolo usado desde os primeiros tempos da Cristandade, como sinal secreto de reconhecimento entre os cristãos, que, se descobertos, eram martirizados. As letras que formam a palavra "peixe", em grego *(Ichthys)*, são as iniciais de cinco palavras gregas que significam "Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador".

O Chrismon em conjunção com a palavra peixe, em grego.

O símbolo abaixo aparece impresso nas hóstias da Comunhão grega e significa: "Jesus Cristo conquista!"

O símbolo seguinte é extraído de um mosaico encontrado nas Catacumbas de Roma. O Chrismon, em três tamanhos diferentes, superpostos, lembra ondas que se propagam num lago tranqüilo, quando nele se arremessa uma pedra; assim a *Pedra* — Simão Pedro e os papas que o sucederam — faz propagar a fé.

4. OUTROS SÍMBOLOS CRISTÃOS



Estes são seis símbolos da Santissima Trindade.

Em alguns deles, o Chrismon combina-se com o triângulo, símbolo de Deus Pai. No último simbolo, os três circulos representam as três Unidades, cada uma das quais independente e completa em si. É quase impossivel uma análise detalhada de cada símbolo.

O sinal seguinte é um símbolo simples da Trindade e não oferece qualquer dificuldade para a mente moderna. O Espírito Santo paira sobre o Filho crucificado que nasceu do Pai.

Nesta figura, as três Pessoas da Trindade são representadas pelos sinais mais simples que se podem usar.

Um monograma cruciforme composto pelas letras gregas que formam as palavras luz (Phos) e vida (Zoe).

Amate! Amai!

Mãe de Deus.

Em grego: Meter Theou, aqui abreviado para Mer Thu.

Os traços acima deste monograma denotam santidade, como no símbolo convencional da auréola luminosa que circunda a cabeça, ou o halo que envolve o corpo dos santos.

O monograma de Maria.

Uma encantadora explicação para esta cruz, às vezes chamada de Cruz-Âncora, é a seguinte: Cristo, simbolizado pela Cruz, nascido de Maria, simbolizada pela Lua no Crescente. A Âncora também representa a esperança — de chegada a bom porto, como a Cruz representa a Fé e o Coração, a Caridade.
Este símbolo também pode ser interpretado como um Navio, um símbolo da Igreja.

O símbolo do Universo. O centro escuro é o Orbe da Terra e Água, uma antiga concepção do Mundo, cercado pelo anel interno do Oceano Aéreo e pelo anel externo do Empíreo.

Este é outro símbolo antigo da Trindade.

Cada círculo tem seu próprio centro, portanto, é completo em si; ao mesmo tempo, ele tem uma grande seção em comum com cada um dos outros círculos, embora somente o pequeno escudo central seja formado pelos três círculos. Neste escudo eles possuem um novo ponto central, o verdadeiro coração da nobre figura.

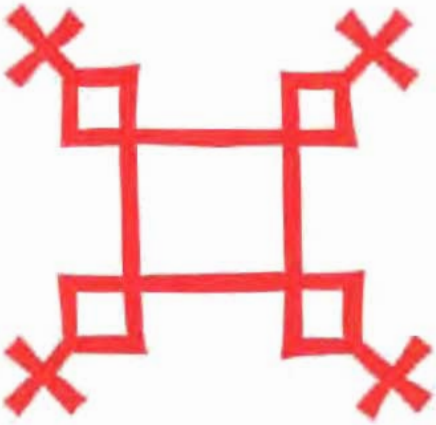
Um símbolo da Fé, a paciente expectativa da salvação vinda do Alto.

O candelabro de sete braços, símbolo do Antigo Testamento.

Esta é uma representação simplificada do Orbe do Mundo. A velha concepção da Terra era a de que ela era dividida assim. O centro do mundo era Jerusalém, onde nasceu a salvação da humanidade. A metade superior do Orbe é a Ásia. A linha vertical representa o Mar Mediterrâneo, à direita e esquerda do qual estão a África e Europa. Na primitiva arte cristã, o Senhor era representado levando esse Orbe na mão; em tempos mais recentes, este foi alterado para uma esfera encimada por uma Cruz.

Dois sinais usados para exorcizar maus espíritos. No caso de ambos os sinais, como acontece com o pentagrama e com o octograma, vale a pena notar que eles exigem certa destreza, e que uma pessoa inábil seria incapaz de desenhá-los.

Eis outro símbolo, também representando o Mundo com seus Quatro Cantos, que possivelmente pertence à mesma categoria. Ele é baseado no quadrado e admite muitas interpretações.



5. O MONOGRAMA

O monograma é um símbolo composto de caracteres escritos entrelaçados. As letras iniciais latinas, de onde deriva nossa escrita atual, são sinais da máxima dignidade e simplicidade. Foram criadas do 6.º ao 8.º século pelos monges beneditinos.

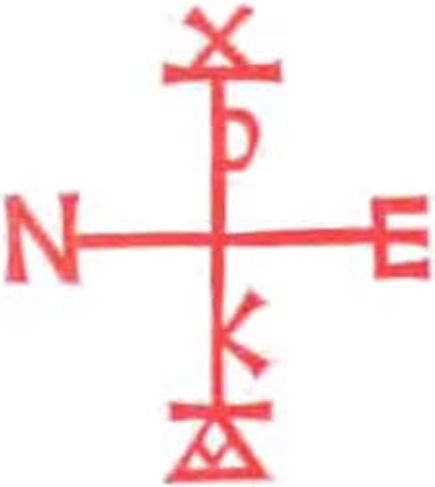
De modo geral, estamos tão acostumados a associar a idéia de sons com a visão destas formas, que somente com muita dificuldade é que podemos dissociar as letras destes e imaginá-los como símbolos puros, de grande beleza.

O mesmo acontece com os algarismos arábicos que, na verdade, devem sua origem à outra parte muito diferente do Mundo, mas com cujo caráter como sinais estamos às vezes mais familiarizados do que com as letras.

O monograma desempenha uma função importante no Mundo dos Símbolos. Os gregos foram os inventores do monograma, que atingiu seu apogeu no período Bizantino. Às vezes é difícil interpretar monogramas, pois suas letras freqüentemente são muito disfarçadas, ou voltadas ao contrário, ou apenas parcialmente desenhadas, de modo que muitas vezes a descoberta dos nomes neles ocultos requer grande habilidade.

Monograma grego

Monograma bizantino do nome Areobindus.



Monogramas bizantinos cujo significado é desconhecido.

Outro monograma apresentando influência religiosa; este é muito parecido com um Chrismon ilustrado mais atrás.

Em muitos monogramas bizantinos encontramos a forma genitiva OV. Os documentos desse período terminavam com nomes no genitivo, e o monograma constituía, então, o final do documento.

Um monograma formado com a Cruz Tau cristã.

Este monograma também mostra a influência da religião cristã.

O monograma de um homem de nome cristão, Paul.

Arkadius.

O monograma do nome Johannes.

Nikolaus.

Vivas in Deo. Deus seja convosco. Expressão de boa-vontade encontrada nas primeiras cartas cristãs.

O monograma do Bispo Arethas de Cesaréia.

Bene Valete. Boa Saúde. Forma de saudação muito encontrada no fecho de antigos documentos papais.

Monograma de Teodósio II. Período Bizantino.

Paleologo

O simbolo do nome do Imperador Justiniano.

Monograma de Ulfilas, Bispo dos Godos.

Manuel II.

Pepino o Breve

A Cruz foi traçada por um escriba e os pontos foram acrescentados pelo Rei.

Carlos Magno

A única parte traçada pelo próprio imperador foi o losango no centro, pois ele era analfabeto. Um escriba então acrescentou o restante: Karolus.

Dois símbolos de Oto o Grande, dos quais o primeiro não tem qualquer ligação com seu nome, Otho.

Os monogramas bizantinos são os mais belos exemplos que possuimos de desenhos compostos de letras e, em sua construção, eles dão testemunho de grande habilidade e séria ponderação. Este capítulo se encerra com um belíssimo monograma imperial bizantino, cuja interpretação, contudo, é desconhecida.

6. SÍMBOLOS DE CANTEIROS

Estes eram os símbolos pelos quais os oficiais canteiros na Idade Média distinguiam suas obras terminadas. Eles são encontrados em muitas catedrais alemãs e outros edifícios medievais.

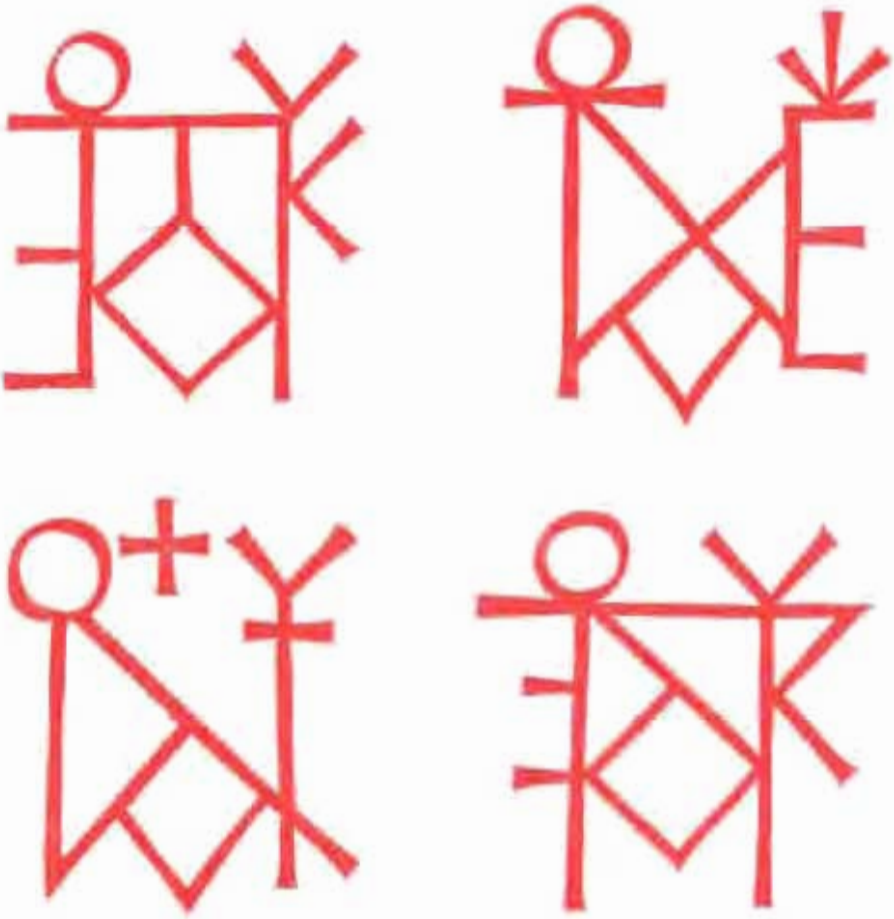
As lojas maçônicas eram poderosas guildas de canteiros, sendo a principal a Loja Maçônica de Estrasburgo, que tinha autoridade sobre todas as lojas dos países de língua alemã.

Os membros dessas guildas eram fortemente unidos em seu trabalho.

Originalmente, essas lojas maçônicas eram controladas pela Igreja, de cuja influência não demoraram à libertar-se. Todavia, durante muito tempo continuaram sendo sociedades poderosas de homens notáveis pelos seus princípios e pela sua fidelidade à Igreja. Ao completar seu aprendizado, o oficial recebia um símbolo, conferido pelo seu mestre. Este símbolo era extraído de uma chamada figura-Mãe, que diferia em cada loja maçônica. Estas diferentes figuras-Mãe eram baseadas em triangulação e quadratura, no trifólio e no quadrifólio. Por estes símbolos podemos dizer com exatidão de onde veio o oficial peregrino que trabalhou em qualquer edificação específica.

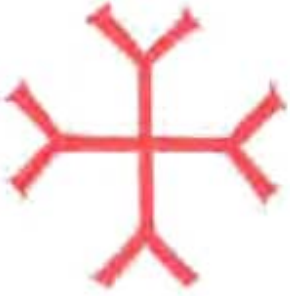
Conduta desonrosa podia levar um canteiro a perder seu símbolo e ser excluído da sua loja. O primeiro dever de um oficial quando se ligava a um novo mestre, durante suas viagens, era construir o símbolo da sua própria Loja-Mestra, perante seus colegas, reunidos na sala da loja, e então explicá-lo simbolicamente. Os mestres-canteiros tinham permissão de encerrar seus símbolos dentro de um escudo heráldico.

Eis aqui alguns simbolos de canteiros de diferentes periodos:

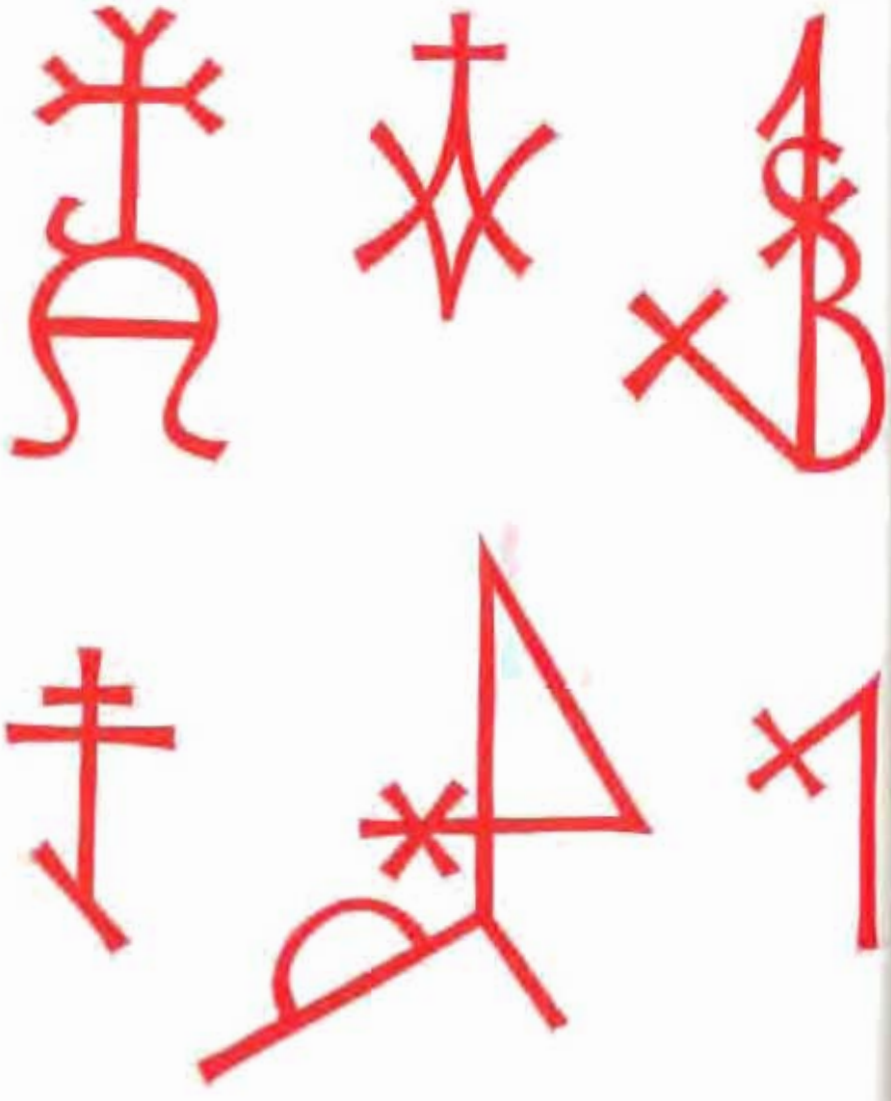


Os apresentados acima são quatro simbolos de canteiros bizantinos; na realidade eles são apenas monogramas alfabéticos, estreitamente relacionados com os desenhos do ultimo capitulo.

Seis símbolos romanos, extraordinários pela sua bela clareza e simplicidade de forma. Para o espírito moderno, estes símbolos são típicos da era vigorosa que os produziu.



Os símbolos maçônicos mais comuns são os dos prédios góticos que ainda subsistem. Freqüentemente encontramo-los em profusão e eles denotam grande engenhosidade. Nesta e na página seguinte, alguns exemplos:



Este capítulo se encerra com um símbolo composto de oito símbolos subsidiários, extraídos de um calendário francês. Provavelmente representa os oito ângulos do firmamento, com o todo formando uma carta-de-rumos — aquilo que depois foi chamado de rosa-dos-ventos.

7. OS QUATRO ELEMENTOS

Fogo.
Calor seco
Ardente, colérico

Ar.
Calor úmido
Impalpável, sangüíneo

Agua.
Frio úmido
Fluídico, fleumático

Terra.
Frio seco
Sólido, melancólico

Os quatro elementos desempenharam papel importante em todo o misticismo da Idade Média. É deste que extraímos as interpretações acima.

Os quatro elementos também são simbolizados num círculo, da seguinte forma:

Fogo

Ar

Agua

Terra

Apenas os dois primeiros símbolos da página anterior parecem claros, a saber, o fogo ardendo para as alturas e a água penetrando na terra. Já a interpretação destes quatro símbolos em círculo parece mais natural ao espírito moderno.

8. SÍMBOLOS ASTRONÔMICOS

O símbolo do Sol

O símbolo da Lua

Os símbolos dos planetas estão entre os empregados com maior freqüência. Eles desempenham uma função importante na Astrologia, à qual, na realidade, devem sua origem. Na sua maioria são compostos de Cruz, dos símbolos dos elementos e dos símbolos do Sol e da Lua, que denotam atividade e passividade, respectivamente.

Júpiter

A natureza de Júpiter é lunar, e ele domina os elementos. Este símbolo também representa o estanho.

Marte.

Este símbolo originou-se do antigo signo do Zodíaco de Áries, que é mostrado apontando para a direção oposta, para o Sol. Este foi mais tarde transformado numa flecha, aparentemente apontando no sentido contrário ao do Sol. Pode também representar o escudo e a lança do Deus da Guerra. É também o símbolo do ferro.

Mercúrio.

A natureza deste planeta é solar e lunar, e ele domina os elementos. O símbolo é hermafrodita. Pode também representar o capacete alado e o caduceu do deus Mercúrio. Ele também é usado para representar o metal então chamado azougue, e que hoje denominamos mercúrio.

Saturno.

Natureza lunar, dominada pelos elementos. O chumbo é representado pelo mesmo símbolo.

Vênus

É solar, dominando os elementos. Alguns vêem neste símbolo o espelho da Deusa do Amor. É também o simbolo do cobre.

Terra

É solar e é dominada pelos elementos.

Os símbolos dos planetas restantes são todos de origem mais recente, e surgem de diferentes associações de idéias:

Urano

Netuno

Vesta

Ceres

O símbolo de Vesta é um altar encimado pelo fogo sacrificial. Netuno, o Deus dos Mares, é representado por um tridente.

Os signos do Zodíaco são identificados com doze constelações e datam, assim como os símbolos dos planetas, de tempos muito remotos. Eles são comuns a todas as nações.

Palas

Aquarius, o aguadeiro. Janeiro.

Juno

Pisces, os peixes. Fevereiro.

Aries, o **carneiro.** Março.

Cancer, **o caranguejo. Junho.**

Taurus, **o touro. Abril.**

Leo, o leão. **Julho.**

Gemini, **os gêmeos.** Maio.

Virgo, **virgem. Agosto.**

Libra, a balança. Setembro.

Capricornus, a cabra. Dezembro.

Scorpio, o escorpião. Outubro.

Sagittarius, o arqueiro. Novembro.

À medida que o Sol percorre seu curso aparente pelo firmamento das Estrelas Fixas, ele cruza estas constelações e cada mês recebe o nome da constelação em que isso ocorre. A posição exata das constelações está-se alterando gradualmente em relação ao ano calendário, de modo que, atualmente, o começo do mês não mais coincide com a entrada do Sol na nova constelação. Cerca de dois terços do mês pertencem à constelação anterior e somente na última terça parte é que a concepção é válida. Aquarius é representado por ondas, Aries por chifres, Taurus pela cabeça de um touro, Gemini por dois traços paralelos; o símbolo de

Cancer era, originalmente, dois caranguejos defrontando-se. Nos símbolos de Leo e Capricornus, os esboços lembram vagamente os próprios animais; o símbolo de Virgo é um monograma da Virgem Maria. Libra é representado pelo travessão de um par de balanças. Scorpio pode ser reconhecido pelo seu ferrão, e Sagittarius pela sua flecha.

Outono

Inverno

As Estações do Ano.

Primavera

Verão

Não é difícil compreender o simbolismo desses sinais, pois eles ilustram o fluxo e refluxo da vida e, no caso do Inverno, proteção numa casa contra o frio e a neve.

Manhã; o Sol nascente.

Tarde; o Sol poente.

Os romanos deram aos dias da semana o nome do que consideravam planetas, como se segue.

Domingo, *dies solis*.

Segunda-feira, *dies lunae*.

Dia e Noite, Luz e Trevas, Franqueza e Dissimulação.

Terça-feira, *dies martis*.

Quarta-feira, *dies mercurii.*

Sexta-feira, *dies veneris.*

Quinta-feira, *dies jovis.*

Sábado, *dies saturni.*

9. SÍMBOLOS ASTROLÓGICOS

Estes são usados para preparar horóscopos claramente definidos, nos quais os planetas e os signos do Zodíaco se encontram em relação direta. O preparo do horóscopo depende, entre muitas outras considerações, da maneira como eles estão em relação uns aos outros. Os planetas podem estar, em relação uns aos outros:

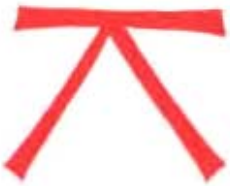
Em conjunção, isto é, a um ângulo de 0 grau

Semiquadratura, ou 45 graus

Semi-sextil, ou 20 graus

Sextil, ou 60 graus

Quadratura, ou 90 graus



Quincôncio, ou 150 graus

Trígono, ou 120 graus

Em oposição, ou 180 graus

Uma e meia quadratura, ou 135 graus

Constelação num estado de retrogradação

A Lua em nodo ascendente

A Lua em nodo descendente

É impraticável, aqui, um aprofundamento na Astrologia e no preparo de horóscopos. Nosso único interesse é pelos próprios símbolos que, como em outros casos que temos mencionado, contribuíram tão materialmente para a preservação do mistério desta ciência oculta. Contudo, eles possuíam uma vantagem prática, por proverem um método abreviado de expressão de certas idéias. A importância de tais abreviações pode ser vista na matemática. Para o cálculo mais comum empregamos símbolos que não ilustramos aqui por serem já conhecidos de todos, mas que devem ser mencionados no mesmo capítulo que aborda os símbolos acima, com os quais estão estreitamente correlacionados.

10. SÍMBOLOS BOTÂNICOS

Árvore

Anual

Arbusto

Bienal

Planta perene

Outro símbolo para bienal

Flor masculina

Pernicioso, suspeito

Flor feminina

Venenoso

Flor hermafrodita

Muito venenoso, letal

11. SÍMBOLOS QUÍMICOS

Os seguintes símbolos são extraídos do velho sistema químico, tendo sido usados pelos alquimistas.
Três símbolos filosóficos para:

Enxofre
Os elementos combustíveis

Mercúrio
Os metais

Relacionados com esses símbolos existem os dos Sete Metalóides:

Sal
Os metalóides

Vitríolo

Salitre

Sal Amoníaco

Alúmen

Enxofre

Sal

Antimônio

Entre a grande variedade de símbolos usados na química primitiva, existem muitos que são extraordinariamente belos.
Mesmo que o significado de muitos dos símbolos esteja quase esquecido, existe uma profundidade de sentimento no seu desenho, e neles vemos com que riqueza de idéias emocionais nossos ancestrais ligavam entre si estas coisas.

Amálgama

Alúmen

Antimônio

Outro símbolo do Alúmen

Potassa

Arsênico

Chumbo

Outro símbolo do Arsênico

Alvaiade

Óleo de oliva

Outro símbolo do Alvaiade

Anglesita

Bórax

Hematita

Álcool, ou espírito de vinho

Pílula

Ferro

Caparrosa

Vidro

Óleo essencial

Talco

Vinagre

Subacetato de cobre

Subacetato de cristais de cobre

Outro símbolo da Cal metálica

Urina

Cal

Cal metálica

Açafrão de cobre

Vitríolo de ferro

Lixívia

Lápis-lazúli

Zarcão

Álcali

Ouro-pigmento

Precipitado

Aço

Água-forte

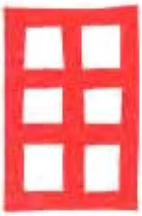
Sublimado

Enxofre

Arsênico branco

Cera

Tártaro



Água

Estanho

Vitríolo

Madeira

Sublimação

Precipitação

Recozimento

12. MARCAS DE CASA E DE POSSE

As Marcas de Casa eram, a princípio, símbolos particulares de proprietários camponeses e seu uso, confinado às suas posses; toda a sua propriedade móvel era distinguida pela Marca de Posse.

A Marca de Posse era exibida:

Sendo gravada pelos lenhadores em troncos flutuantes que, assim, podiam ser separados no fim do seu percurso.
Sendo gravada nas orelhas dos animais domésticos e nas membranas das patas dos palmípedes
Sendo cortada no pelo dos cavalos.
Sendo pintada em sacos e no tosão de lã das ovelhas.
Sendo gravada na parte superior do bico dos cisnes.
Sendo sulcada na superfície dos campos.
Sendo esculpida nas árvores e em varas usadas para deitar sortes.
Sendo bordada em tapetes e tecidos.

Sendo perfurada nas partes de ferro dos implementos agrícolas, nas de madeira, ferreteada, e sendo ferreteada nas peles dos animais domésticos e nos chifres do gado.

Num período posterior, estas Marcas de Casa passaram a ser usadas como símbolos pessoais e muitas vezes sofriam modificações nas mãos dos diferentes membros da família. Ainda mais tarde, elas passaram a ser usadas como Marcas de Indústria e Comércio e como Marcas de Artesãos e Artistas. A sugestão de que elas se originam das Runas só é aceita em casos raros.

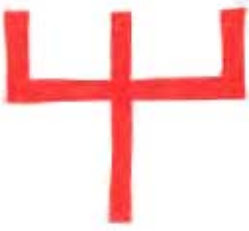
A forma mais simples de Marca de Casa é a composta de incisões e, na maioria destas, as linhas retas predominam.
As curvas só começaram a ser usadas muito mais tarde e pressupõem um método diferente do de entalhe e escultura — mais no estilo da pintura ou da escrita.

Acima está um desenho num pau para lançar sortes.

As comunidades camponesas dos primeiros tempos tiravam a sorte entre si, para decidir quem deveria ser seu representante para cuidar dos interesses das suas posses; elas assim faziam por meio de paus de loteria que eram lançados num chapéu e tirados ao acaso. Esses paus ostentavam Marcas de Casa; eram muitas vezes feitos para a ocasião, sendo cortados de varas de salgueiro, todas do mesmo comprimento, de onde a casca era entalhada, de maneira a mostrar a madeira branca sob a mesma.

Os seguintes são alguns exemplos de símbolos particulares:

Mesmo hoje, os artesãos marcam suas ferramentas deste modo. Os distintivos de posto nos uniformes pertencem à mesma categoria. Existem formas, numerosas, que reaparecem constantemente como base das marcas de casa e de posse; estas receberam uma nomenclatura especial. A origem desta nomenclatura é consideravelmente mais recente do que os próprios sinais e surgiram da estreita associação de idéias. Não está bem certo se determinado símbolo, por exemplo, pretendia representar uma frigideira, ou se um círculo com uma linha vertical a ele ligada era chamado "frigideira", quando se tornava necessário referir-se a ele com palavras.



Estas duas formas eram descritas como forcados ou gadanhos

A escada de barril

Guincho ou molinete

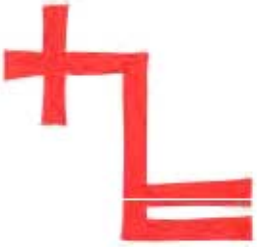
O cavalete

Outro guincho

Outro cavalete, ou uma escora.

O ferro de arado

A asna



O moinho de água

A pá

Moinho de vento

A espiga de aveia

A cadeira

A casa

A escada, ou padiola

O pescoço-de-ganso

A chave

O monte de esterco

A frigideira

A espada

O duplo mangual, ou duplo gancho

A flecha

A ferradura

A mó de moinho

A âncora

Outra âncora

O pé-de-corvo, ou pé-de-feiticeira

O esquadro de carpinteiro

O gancho de panela

O dente-de-lobo (gancho), ou cabide

A ampulheta

A ampulheta de meia hora

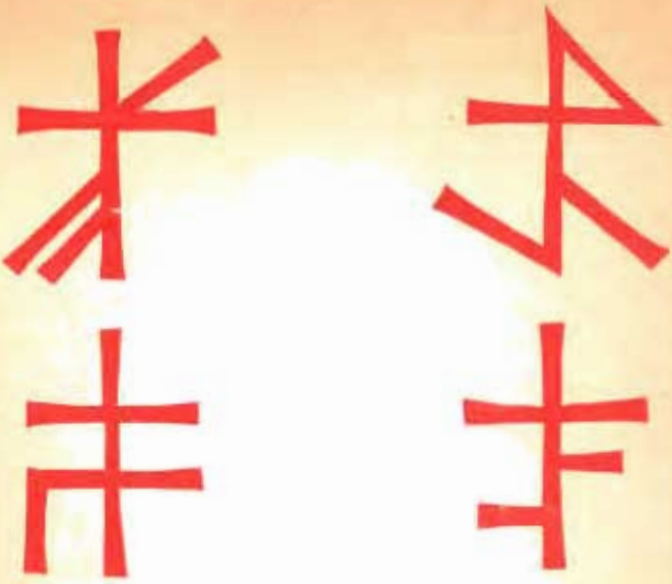
O símbolo de Hermes

Com a mesma freqüência, este símbolo é encontrado invertido — com o ângulo esquerdo voltado para a direita — como acontece com grande número de outros símbolos, mas isto não altera de modo algum o seu significado. Talvez se tenha querido assim evitar sua semelhança com um "quatro".

A maneira como estes sinais eram modificados pode ser ilustrada por este símbolo específico, que forma a base de muitas marcas registradas e símbolos de artesãos, pois o nome Hermes encobria muitos segredos profissionais, filosóficos e místicos.

Abaixo, três variações do símbolo de Hermes:

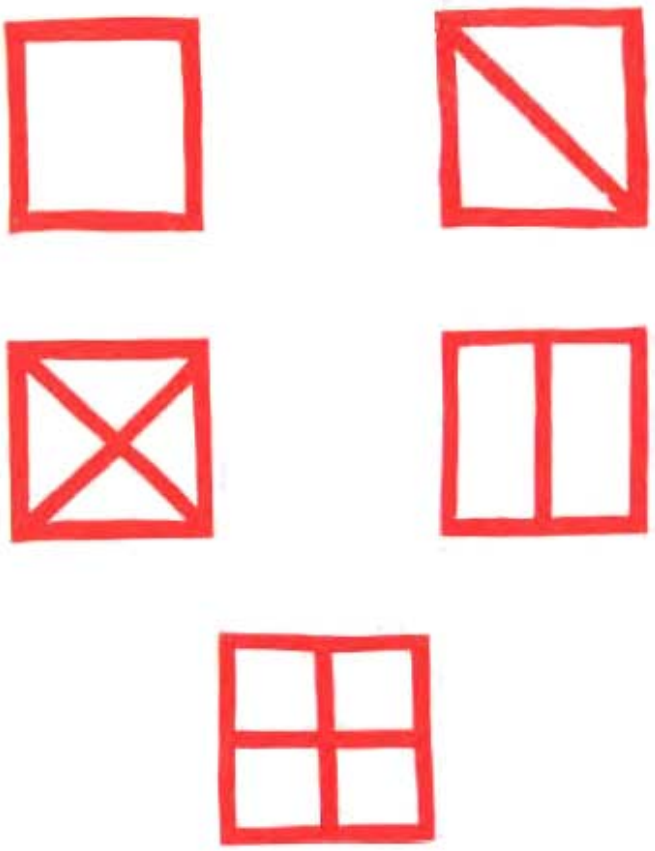
A série que vem a seguir ilustra a maneira como os vários membros da mesma família adotaram a marca original da sua casa e a modificaram para seu próprio uso.



Os símbolos são os de quatro irmãos, e se baseiam na Cruz.

Os símbolos de um homem, seu irmão e seu filho. A base sobre a qual estes símbolos são construídos é um cogumelo.

Os seguintes símbolos familiares são baseados no quadrado:



Que os membros da mesma família quisessem distinguir o trabalho daquela família com um símbolo particular é muito natural; bem assim o desejo de cada membro da família de distinguir seu próprio trabalho individual. Na série seguinte, esta idéia é ilustrada e explicada mais detalhadamente.

A maneira como o mesmo símbolo é empregado por gerações sucessivas da mesma família é mostrada na seguinte tabela genealógica.

1. O fundador da família. 2. O primogênito. 3. O neto mais velho. 4. O segundo neto. 5. O filho do neto mais velho. 6, 7 e 8. Os três filhos do segundo neto, em ordem de idade, da esquerda para a direita.

O primeiro símbolo permanece inalterado na linha da primogenitura. Os filhos mais jovens acrescentam vários traços ao símbolo original. Este símbolo é novamente modificado pelos seus descendentes, exceto no caso do filho mais velho, que sempre toma para si o sinal inalterado de seu pai.

1

Traçaremos agora os símbolos da segunda linha.

2

3

4

5

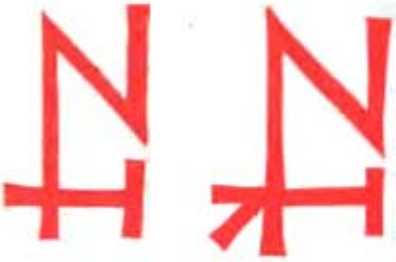
6

7

8

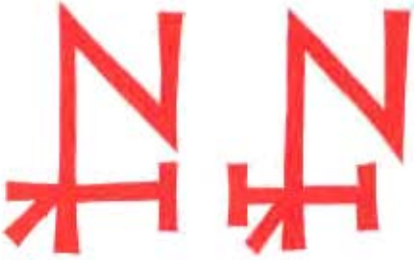
Na segunda linha ocorre idêntico processo de modificação, independentemente de qualquer outra linha. Nas outras linhas colaterais, e na quarta ou quinta geração, naturalmente, o acúmulo de marcas acrescentadas começa a tornar-se confuso, de modo que o processo não pode ser prosseguido por muitas gerações.

O segundo filho, de quem descende a segunda linha.



Os netos na segunda linha.

O chefe da família não tem filhos.



Os dois filhos do segundo neto da segunda linha.

No caso de todos estes símbolos, o símbolo básico original foi alterado por adições. O princípio da modificação por adição também é aplicado em outras circunstâncias. Por este meio, é possível in-

dicar diferenças de um modo extremamente sutil, sem destruir a uniformidade. Quando estes pequenos traços acrescentados foram separados do símbolo original, passaram a ser chamados de Contramarcas. Um exemplo encantador disto é aqui ilustrado; os símbolos são velhas marcas indicando diferentes graus de excelência e precisão dos mesmos bens. Com base no mesmo princípio, hoje em dia, os artigos são descritos como sendo de primeira, de segunda ou de terceira qualidade.

As Contramarcas também desempenharam papel importante nas velhas Marcas de Indústria ou Comércio, e são de vários tipos: cruzes, pontos, anéis etc. Na sua maioria, elas pertencem a um período posterior.

Algumas das velhas Marcas de Casa foram famosas devido às pessoas ou famílias que as originaram.

Miguel Ângelo

Welser

Hans Burkmair, o discípulo de Albrecht Dürer

Peter Discher

Fugger, os grandes banqueiros do Séc. XVI

Hans Sachs, sapateiro e Mestre-cantor

Algumas outras Marcas de Casa, notáveis principalmente pela inventiva dos seus desenhos:

Destas Marcas, em tempos subseqüentes, derivaram-se os sinais dos primeiros impressores, a maioria dos quais continha seus nomes, de uma forma ou de outra.

13. SÍMBOLOS DE VÁRIAS FONTES

O símbolo da Trinacria, ou o triskélion. Este provavelmente se deriva de três triângulos, de cada um dos quais se retirou um lado, apoiados sobre seus ápices. A figura nos dá a impressão de estar-se movendo para a frente, ao longo de uma linha imaginária, girando em torno do seu ponto central: de onde se desenvolveu, posteriormente, na representação de uma criatura consistindo apenas de três pernas correndo rapidamente em torno umas das outras. Estas pernas, de armadura, são o brasão da ilha de Man.

O triquetrum frequentemente substitui o símbolo anterior; ele transmite a mesma idéia de movimento, na forma de uma roda que rola.

Este talismã tem sua origem na concepção Gnóstica do Mundo. Ele representa os Quatro Elementos. Nada mais se sabe a seu respeito.

A Lua crescente e a minguante, entre as quais flui o curso da vida. Este sinal é simbólico da influência vasta e determinante da Lua sobre a vida do homem.

Um símbolo oriental da peregrinação da alma pela vida: a alma sobe pelos quatro Cinturões do Mundo, ou elementos, até sua purificação, e passa das Trevas à Luz.

Para os antigos muçulmanos, quando dois triângulos se unem desta maneira, a metade superior do símbolo torna-se o triângulo aquático da bondade, doçura e nobreza, ao passo que a metade inferior é o triângulo do fogo, da ardente ira de Deus.

Os símbolos que se seguem nos vêm dos primitivos povos germânicos e nada mais se sabe a respeito:

A Cruz-Sol ou Cruz de Wotan

Talismã sarraceno

A Roda de Oito Raios

O Olho do Dragão

O Olho do Fogo

O símbolo das Cortes Vêmicas, ou a figura de oito ângulos. A Santa Vehme eram tribunais secretos da Alemanha do Século XV.

Alguns símbolos não passam de figuras altamente simplificadas e, como tais, não exigem maiores explicações.

A onda

Água corrente

A flor-de-lis, tal como frequentemente encontrada na heráldica, em insígnias armoriais; supostamente representa o íris, ou o lírio. Na verdade este belo símbolo deve ter tido um significado hoje desaparecido. Ele conjuga a Cruz, ou a espada, com duas curvas. Báculos? Peixes?

O lírio de Cleves, a metade superior da flor-de-lis. Esta figura também é encontrada em insignias heráldicas armoriais

Somente após a Idade Média é que se começou a fazer distinção entre tipos diferentes de coroas, e os títulos de nobreza se foram hierarquizando.

Nos antigos calendários, Três Coroas representavam os Três Reis Magos

O símbolo do pastor e do Bispo, o báculo: gancho pelo qual o pastor puxava suas ovelhas.

O símbolo da realeza, a coroa

Três flechas atadas; símbolo da unidade.

A cidade

A destruição da cidade

Já demos exemplos da destruição sendo indicada pela inversão da figura

Os contornos simplificados de um jarro, com duas ansas

Mesmo em sua forma mais simples, a estrela pode ter muitas aparências.

A estrela feita de três pontas raramente é encontrada e dificilmente nos parece ser uma estrela.

A estrela de quatro pontas é cruciforme; é um fenômeno que traz consigo uma advertência grave e solene.

A estrela de cinco pontas aparece em abundância em diferentes interpretações. A impressão que deixa é alegre e feliz.

A estrela de seis pontas traz a mesma mensagem urgente da estrela de quatro pontas, embora tenha forma mais rica e de maior plenitude. Esta é a verdadeira estrela e a que melhor satisfaz a concepção geral de uma estrela.

Na estrela de sete pontas estão repetidos os atributos da estrela de cinco pontas, e na estrela de oito pontas, os das estrelas de quatro e seis pontas. Um número maior de raios já passará a sugerir, não uma estrela, mas um Sol. Por isso os armoriais heráldicos, para bem distinguir uma estrela de um Sol, faziam este com raios ondulados (de luz) e retos (de calor) alternadamente. Suas estrelas só tinham raios ondulados. Portanto, na heráldica, as estrelas de raios retos são chamadas "rosetas de espora".

14. AS RUNAS

Já no século II, os godos haviam aprendido a reconhecer a cultura grega e desenharam uma série de símbolos derivados da escrita cursiva grega e latina. A estes símbolos damos o nome de Runas.

Seguindo o exemplo dos gregos, eles deram um nome sonoro a cada símbolo. As formas das letras conformavam com seu modo de escrever e com os usos que lhes davam. A maioria das suas inscrições era riscada em pedra e madeira, ou esculpida. Portanto, as Runas são de forma quase que inteiramente retilínea, com predominância das linhas verticais.

No século IV, o conhecimento das Runas espalhou-se pela Alemanha e outros países teutônicos. Na Escandinávia, as Runas ainda eram parcialmente usadas nos séculos XVII e XVIII.

A magia rúnica era peculiar à Alemanha do Norte e só temos informações muito fragmentárias a respeito. Ali, a Runa representava o objeto do qual recebia o nome; o caráter rúnico tornou-se o objeto em si e com ele supunha-se que se podia fazer o bem e o mal. As propriedades mágicas de cada Runa só eram conhecidas de uns poucos.

Assim devia trazer vitória, protegia a pessoa contra a taça envenenada, induzia à loucura. As Runas riscadas numa taça traziam o esquecimento para quem dela bebesse. Uma taça cheia de bebida envenenada entornava se as Runas riscadas sobre ela fossem benignas. Um bom exemplo de mágico rúnico foi o bardo escandinavo Egill. Ele descobriu que Runas sob o colchão de uma donzela eram a origem do seu mal; ele as retirou e esculpiu Runas benéficas em seu lugar. No Século XIV, decretos episcopais eram disseminados contra a magia rúnica.

Para fins de vaticínio, as Runas só eram usadas indiretamente: acreditava-se que os espíritos dos mortos podiam ser convocados por meio da magia rúnica e que eles podiam prever o futuro.

Thurs: **Gigante**

Feu: **Gado**

Ansur: **Asa, Deus**

Ur: **Bisão**

Rad: **Roda de carro**

Ken: **Tocha**

Hagall: **Granizo**

Geofu: **Dádiva**

Nied: **Necessidade, servidão**

Wynn: **Conforto**

Is: **Gelo**

Jara: **Ano**

Ilhs: **Alce**

Peorth

Sygil: **Sol**

Yr: **Teixo, Morte**

Tir: **Honra, o deus Tir**

Biarkan: **Bétula**

Lagu: **Água, Mar**

Eoh: **Cavalo**

Ing: **O deus Ing**

Man: **Humanidade, Homem**

Dag: **Dia**

Ogal: Posse

As runas eram freqüentemente empregadas voltadas num sentido ou no outro, e seus ângulos eram às vezes arredondados em curvas. Recentemente foram feitas tentativas para provar que as runas tinham caráter mágico, superior ao papel místico desempenhado em geral pelas letras, números e símbolos.

Em muitos dos símbolos ilustrados neste livro a influência nórdica pode ser facilmente identificada, mas as formas básicas, com sua riqueza de significados e simbolismo, levam-nos incontestavelmente às eras remotas, insondáveis, em que surgiu a Humanidade.

His omnibus dictis, lector,
in praxi optime habeas, plaudentibus puellis
cum abundantia vini et panis.
pax coram Deo tratrique tuo tibi sit.
Vale